

# O Registro das cores invisíveis: Porto Alegre imaginada em álbuns de família

Nara Magalhães  
Márcia Anselmo  
Lourdes Ana Pereira Silva  
Ângela Zamin  
Reges Schwaab

## RESUMO

Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa "*Porto Alegre Imaginada*", com destaque para as análises do grupo "Álbuns de Família", que buscou conhecer, além dos registros oficiais sobre açorianos, as contribuições de outro grupo étnico-racial para a riqueza e diversidade da cidade. Entrevistando e fotografando pessoas que se auto-definem como negras, ouvindo seus relatos e histórias ao folhear seus álbuns de fotografias, procuramos na pesquisa dar visibilidade a uma trajetória de cidadãos e a uma cidade que na maioria das vezes permanece desconhecida, tanto da história oficial como da visibilidade midiática. Neste artigo, queremos contribuir para a reflexão a respeito de outros imaginários sobre a cidade, e pensar o que os registros pessoais e a sua narração nos dizem sobre o lugar, as possibilidades e os significados partilhados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Álbuns de família. Fotografia. Imaginário. Porto Alegre Imaginada. Negro.

## 1 Como ver Porto Alegre em álbuns de família?

Estudar Porto Alegre com a metodologia proposta por Armando Silva (2004) foi um desafio singular, assumido por uma equipe de pesquisadores da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO/UFRGS). Procurar compreender o imaginário dos cidadãos sobre a cidade, entrando num circuito de diálogo mundial, que incluía análise de cidades como Barcelona, Bogotá e São Paulo, entre outras, significava tentar ler as metrópoles mundiais de outro ângulo<sup>1</sup>. Afinal, compreender porque em determinada localidade os cidadãos evitavam um determinado bairro, considerando-o “perigoso”, mesmo que os índices de violência ali tivessem baixado significativamente, poderia ajudar a explicar a dificuldade de implementar políticas públicas de revitalização da metrópole. Ou compreender porque um bairro de periferia era definido por uma “cor verde” ou o centro por um determinado “cheiro” de um mercado que mudou de lugar, poderia dar a conhecer essas cidades de um ângulo inusitado, que permitisse vê-las a partir dos imaginários cidadãos, como um lugar nunca antes visto, incluindo afetos e subjetividades (SILVA, 2004). E muitas dessas particularidades estão acessíveis também nas fotografias que os cidadãos dessas metrópoles produzem e guardam como registros de momentos vividos na cidade. Eis o ponto de partida da observação proposta pelo subgrupo “Álbuns de Família”, no contexto do *Projeto Porto Alegre Imaginada*.

O exercício da relação das pessoas, das famílias, com a cidade que habitam, passa, sobretudo, por uma construção do que é a “sua” cidade. Afinal, qual cidade cada família particulariza em seus álbuns? E como escolhe, depois, socializá-lo? O que essas escolhas imaginadas nos dizem sobre lugares e significados partilhados? Nas fotografias dos espaços urbanos, fomos buscar as permissões da cidade para quem a habita, e como esses habitantes movimentam-se dentro dos consentimentos e impossibilidades, físicas ou simbólicas. Naquilo que se registra, bem como no que não aparece na superfície das fotos, buscamos ler a que cidade a família pesquisada imagina pertencer, e como toma para si, em sentido afetivo, um determinado lugar.

Ao focalizar os álbuns de família, e sobre eles estimular a narrativa dos sujeitos sobre suas fotos (e sua cidade), queremos trazer à tona não a materialidade física, mas, sim, a percepção da cidade a partir desse narrar duplo, do captado na fotografia e do que a fala nos permite “enxergar”. Buscamos não uma imagem tradicional de cidade fundada em urbanismos, mas a construção de uma investigação sobre os sentimentos, formando croquis afetivos de medos, amores, recordações, lembranças. “Nós somos o álbum, convertendo-se, ele mesmo, em consciência visual de

<sup>1</sup> Pesquisa realizada por uma equipe de professores e pesquisadores da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, utilizando referenciais teórico-metodológicos propostos pelo pesquisador colombiano Armando Silva, para estudo de imaginários cidadãos da América Latina e Espanha. Para o trabalho de campo, o subgrupo Álbuns de Família contou com a participação de estudantes da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa (FABICO/UFRGS, 2008/2, ministrada pela Profa. Dra. Nara Magalhães). No presente texto, utilizamos as informações recolhidas pelos grupos formados pelos alunos Alex Viana, Renato Paredes, Mateus Allende, Gabriel Piovezan (Grupo 1), Ariel Fagundes, Jessica Mello e Luciana Bênia (Grupo 2).

■  
² Tradução do grupo de pesquisa.

nosso trânsito pelo tempo e pela vida” (SILVA, 2004, p. 18)<sup>2</sup>.

Para Armando Silva (2008, p. 11) entende a fotografia como um “acontecimento visual e comunicativo que se coloca por cima de qualquer leitura sistemática”. É a partir deste conceito que nos propomos a refletir a fotografia em duas perspectivas relacionais: uma, a fotografia enquanto instrumento metodológico do pesquisador, e outra, os usos da fotografia feitos pelas famílias. Em ambos os casos entendemos a fotografia como uma fonte de reflexão sobre a construção social das realidades sociais, ou nos moldes de Barthes quando diz que “no fundo, a fotografia é subversiva não quando assusta, perturba ou até estigmatiza, mas quando é pensativa” (BARTHES, 1980, p. 61).

O processo de “leitura” dos álbuns de família nos permite atentar, ainda, para a transposição de espaços, como refere Leite (1993). A foto no álbum passa a ser vista como a foto da cidade, essa foto assume dimensões do lugar, incluindo o espaço externo e o observador na fotografia. Permite, também, um narrar alongado no tempo e no espaço, já que uma fotografia possibilita recuperar uma história para além do que está contido no espaço do papel fotográfico. Segundo Silva (2008), na pesquisa com álbuns de fotografias, é preciso identificar o que não está fotografado, armazenado no álbum, mas narrado pelo enunciatador. A fotografia representa um cenário, uma atuação teatral com personagens, roteiro e público espectador. Nessas condições, pretende-se revelar apenas o que está explícito. Por isso, a necessidade de uma investigação que reorganize este imaginário, incluindo na interpretação as ausências, isto é, aquilo que não foi contemplado nas fotografias, em relação às gerações presentes nas imagens.

Assim, entre nossos desafios estava o de contemplar os álbuns de família em Porto Alegre, buscando encontrar neles o que havia nos bastidores da cidade ao longo de suas mudanças nas últimas décadas, conhecendo a perspectiva de diferentes gerações. A primeira decisão foi a definição sobre qual cidadão portoalegrense buscar.

Porto Alegre apresenta um imaginário concebido como branco, assim como outras cidades do Rio Grande do Sul, em decorrência de uma formação histórica que absorveu menos mão-de-obra escrava por um período menor, em relação à incorporação do elemento europeu, através da colonização açoriana, alemã e italiana, principalmente. A partir dessa realidade, as relações sociais entre negros e brancos foram sendo desenvolvidas em torno do trabalho, pois os colonos, na maioria agricultores, tinham mais mão-de-obra disponível, preenchendo as necessidades de produção de alimentos e outras formas de trabalho. A presença do negro na cidade foi, então, omitida e até negada pela historiografia riograndense produzida no início do século

(BARCELLOS, 1996). Segundo dados do IBGE<sup>3</sup>, a população negra brasileira está representada de forma desigual e Porto Alegre é a capital brasileira com o menor número de pessoas que se declaram negras ou pardas, apenas 12,6%.

A partir desses dados, compreende-se que pouco ou nada tem sido priorizado a respeito da presença e contribuição do negro, que permanece invisível<sup>4</sup>. Consideramos esse aspecto como algo peculiar para o estudo em Porto Alegre, diferenciando-o de outras cidades pesquisadas. Ao mesmo tempo em que partilharíamos uma metodologia comum, nos valem da licença para escolhas próprias demandadas pelo universo estudado, considerando o contexto e as características culturais. Esperando contribuir para ampliar a visibilidade, priorizamos, em Porto Alegre, o estudo com álbuns de família de cidadãos negros. Partimos de uma situação ideal, de entrevistar grupos familiares em diferentes quadrantes da cidade, de modo a possibilitar uma comparação com outros subgrupos da pesquisa Porto Alegre Imaginada<sup>5</sup>. A seguir, algumas fotos dos alunos em aula, em Oficina preparatória para a realização das entrevistas sobre os Álbuns de Família em Porto Alegre, analisando e relatando seus próprios álbuns<sup>6</sup>.



Figura 1 – Alunos em oficina preparatória para a realização das entrevistas

## 2 Trajetos e lugares

A cidade de Porto Alegre que pretendemos compreender está permeada de olhares, expectativas, dúvidas e comemorações. São momentos da história de três famílias das regiões leste, norte e sul da capital gaúcha, representadas em fotos e armazenadas em álbuns, caixas de sapatos ou porta-retratos. Imagens de uma Porto

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso: 22 nov. 2009.

<sup>4</sup> A invisibilidade da presença negra na região sul, na ótica das identidades culturais, tem sido abordada por Leite (1996), Anjos (2007), e Barcellos (1996), entre outros.

<sup>5</sup> Após a definição, realizamos uma oficina com os alunos em aula sobre os seus álbuns de família. Agradecemos a sugestão desse trabalho a Nilda Jacks. Foi um exercício metodológico bastante motivador, e propiciou estabelecer acordos e esclarecer dúvidas, especialmente quanto à justificativa do recorte.

<sup>6</sup> Os participantes da pesquisa na coleta de dados, que contou com a realização de entrevistas, realização de fotos e gravação dos dados por alunos da FABICO/UFRGS. Eles foram divididos em seis grupos, que realizaram no mínimo uma entrevista cada um (ver nota 1). Além da gravação das entrevistas em áudio, o momento das entrevistas foi registrado em fotos. Seriam fotos de fotos, uma vez que estariam olhando os álbuns da família. O resultado dessa coleta de dados é parcialmente analisado aqui, com destaque para algumas dessas famílias.

Alegre que passou por transformações, no espaço e no tempo, que ajudou a construir gerações e que, hoje, pode estar preservada em pedaços de papel, guardados por senhores e senhoras que lembram romanticamente outros tempos. Aqui, buscamos descrever-analisando imagens captadas por pessoas negras, nos diversos espaços onde passaram, ouvindo suas narrativas e construindo mais uma representação da cidade.

## 2.1 Mudanças na cidade, permanência em um imaginário mapa afetivo

O entrevistado LS, morador da zona sul de Porto Alegre, divide o sofá com os dois entrevistadores<sup>7</sup>. Cabe à mulher de LS, trazer as fotos até o espaço e dispô-las sobre a mesa para o manuseio. A guarda dos registros de família é tarefa desempenhada pela mulher, de quem o marido ressalta o gosto por fotografar. É a partir de um conjunto de fotos sobre o mesmo tema (ligado aos filhos) que LS fala de Porto Alegre e das mudanças ocorridas na cidade, especialmente, relacionadas às ruas, às construções e às águas – o Arroio Dilúvio e o Rio Guaíba. As fotos são de uma prova de regata - esporte que era praticado por dois de seus cinco filhos, realizada no Guaíba, nas proximidades da Usina do Gasômetro, cartões postais da cidade. Outro dado importante, a regata era comemorativa ao aniversário de Porto Alegre, como destaca o entrevistado.

■  
<sup>7</sup> O entrevistado ao qual nos referimos define-se como negro, tem 68 anos, é aposentado, e recebeu a equipe de pesquisa em sua casa, na companhia de sua mulher.



Figura 2 - Imagens Grupo 1: Alex Viana, Renato Paredes, Mateus Allende, Gabriel Piovezan<sup>8</sup>

■  
<sup>8</sup> As fotos foram realizadas pelos estudantes do Grupo 1, os quais fotografaram o álbum de LS (à direita), e fotos de família que foram espalhadas em uma mesa no momento da entrevista (à esquerda).

O conjunto de fotos disposto em um mini-álbum mostra a seqüência da competição – os atletas às margens do rio, carregando os equipamentos, e já na água, na prova. A partir delas, LS fala de Porto Alegre, traça um mapa a partir dos lugares onde viveu percorre-os imaginariamente, estabelecendo pontos possíveis de ligação entre tempos distintos: um passado longínquo, anterior ao das fotografias que dispõe; um passado próximo, o das fotografias dos filhos na competição de regata; o tempo atual; o futuro. O

transporte coletivo de Porto Alegre e as linhas T<sup>9</sup>, que ligam as zonas periféricas, sem passar pelo centro da cidade, ancoram o percurso descrito pelo entrevistado.

As fotografias da competição de regata trazem um cenário que se repete na construção que LS faz de Porto Alegre – a água, a natureza, o movimento. É das escadarias do Arroio Dilúvio, nas proximidades do Menino Deus, a primeira referência do entrevistado de um tempo mais remoto, o da sua infância. Lembra de pescar acompanhado de familiares no arroio, atualmente poluído. LS residia nas proximidades, em um “gueto de negros” no bairro Cidade Baixa, em uma casa de madeira semelhante as demais que ocupavam o mesmo espaço. Neste período, a quadra formada pela Praça Garibaldi, onde nasceu na Cidade Baixa; a rua João Pessoa, onde estudou; e o arroio das pescarias, era a Porto Alegre de LS.

A cidade expande-se com a mudança da família do entrevistado para a rua Corte Real, bairro Petrópolis, “na curva do T7”, como ele descreve. A mudança de endereço, para um lugar “sem poste e sem calçamento”, amplia a cidade:

A gente saía ali da Corte Real, ali onde o ônibus faz a volta, pra pega a [rua] Lucas, para ir na [rua] Neuza Brizola, para [rua] Nilo... Aqui, ele sobe da [avenida] Protásio, aqui ele sobe, sobe não é? Daquela esquina para lá. [...] A gente saía dali, ó, e tu podia ir, e não precisava fazer o acompanhamento da rua. Tu ias saindo porque não tinha quase casa. Tu vinha atravessando pelo meio dos terrenos vazios e tal. Atravessava ali e saía lá em cima na [rua] Felipe de Oliveira, [rua] Danilo Pederneiras, [rua] Eça de Queiroz por dentro. Saía lá no fundo já, quando começava a baixar. Aí era vila São Luiz, hoje é Jardim Botânico.

Sem precisar o período da mudança de residência, LS fala da zona sul, onde mora atualmente com a esposa e, a partir daí, estabelece uma outra Porto Alegre, a que exigia mover-se em direção as zonas centrais, de comércio: “A gente saía daqui, ia passeando até o centro, no ônibus. Ou de carro, até. Mas normalmente de ônibus. Descia, pagava uma conta não sei aonde, ia numa outra loja, na outra, ia ao Mercado [Público], comprava queijo, salame para eles [os filhos]”. Ao falar dos deslocamentos necessários para a aquisição de produtos, LS faz referência à infância dos filhos, os atletas das fotografias da competição de regata, e a mudanças na cidade, em um passado mais próximo: “aquela feira de frutas que eu passava para ir ao Quartel não tem mais”. E complementa: “é que não tinha supermercado para cá”.

Ainda em relação ao consumo, o entrevistado refere-se a distintos lugares da cidade: o centro, a Azenha. Em contraponto, fala da situação atual: “o shopping [Praia de Belas] matou a Azenha”; “a cidade cresceu, se modificou. Perdeu o tradicional centrinho, aquele, tu vais para [avenida] Assis Brasil, tu tem tudo na Assis Brasil. Na [avenida] Benjamin. Na [avenida] Cristóvão. Fazer o quê no centro?”.

■  
<sup>9</sup> Abreviação para “Transversal”. São as linhas que fazem “transporte de uma determinada zona a outra sem passar pelo centro, exemplo: Sul/Norte, Norte/Sul, Norte/Leste, etc.”. Disponível em: << [http://www.viacircular.com.br/novo/index.php?option=com\\_content&task=view&id=147&Itemid=144](http://www.viacircular.com.br/novo/index.php?option=com_content&task=view&id=147&Itemid=144)>> Acesso em 15 nov. 2009.

No que se refere ao contexto atual de consumo na zona sul, LS descreve: “criaram um [supermercado] Nacional aqui na minha esquina, tem um Super Hoffman aqui, tem um [supermercado] Zaffari ali adiante, tem um outro Zaffari a um quilômetro e meio, tem um BIG aqui”. A ampliação do comércio diminuiu os deslocamentos, levando-o a realizar atividades no bairro onde reside. “A cidade mudou, tu não precisa ir ao centro. Sabe? Tu não tem mais aquelas ferragens grandes, aquelas lojas grandes que tu tinha que ir ao centro para fazer e tal”, constata.

Residindo no Bairro Camaquã, LS fala da preferência pelo antigo nome do local, Bairro Cristal, e explica que a mudança ocorreu quando da ampliação do primeiro:

- E eu não sei porque, espicharam aqui e eu passei a ser Camaquã.

- E mudou o CEP?

- [...] até o nome da rua. Enfim, porque a minha rua era lá na frente. Rua Coronel Massot e depois de um tempo a prefeitura trocou até o IPTU. Passou a ser daqui da rua da frente, a Chico Pinto. E aí passei a ser bairro Camaquã.

Ainda sobre a mudança no nome, o entrevistado diz “mas eu ainda preferia quando eu era do Cristal”, revelando a ligação afetiva construída a partir do imaginário do antigo bairro. Certamente, as mudanças ocorridas no bairro foram vivenciadas por LS. Camaquã é um bairro predominantemente residencial, com grande número de casas e edifícios, com ruas calmas, mas com serviços e comércios locais, além de escolas e espaços de lazer. Entretanto, o Cristal, bairro citado por LS como de sua preferência, carrega uma forte característica histórica (existência de charqueadas na região, hospedaria para imigrantes, em 1881, e alojamento do 3º Batalhão de Infantaria da Brigada Militar, início século XX), além do famoso Hipódromo do Cristal, considerado local de urbanização, modernidade e *status*.<sup>10</sup>

Outra ligação importante para o LS é a da cidade com o Guaíba, especialmente a ampliação dos espaços urbanos a partir da dragagem do rio. Muitos dos espaços da cidade originam-se no rio: “o [parque] Marinha do Brasil, o [parque] Maurício Sirotsky, ali tudo. Tudo aquilo ali é aterrado. O estádio do Beira-Rio”. A partir do rio, ele descreve um movimento em direção à zona sul, oposto a ligação com o centro que marca muitos momentos da entrevista: “ali onde tem o Padre Cacique”; “ali onde tem as escolas de samba ali, tudo aquilo ali era água”; “Aquele arroiozinho ali, que tem na frente [do BIG Cristal], aquele córrego ali, canalizado, até ali era o rio”.

A referência atual a Porto Alegre é associada à mobilidade urbana, às ruas e aos ônibus, à poluição e à ausência de plane-

■  
<sup>10</sup> História dos Bairros de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2009.

jamento. LS diz acompanhar as modificações na cidade por ser um observador atento: “A cidade se modificou. Eu vi a cidade se modificar. E eu tenho consciência. É que a maioria das pessoas não acompanha. Eu gosto muito disso. Gosto de olhar prédios, gosto de olhar árvores, eu gosto de olhar estrada”.

É também a partir do planejamento que imagina Porto Alegre no futuro: “mas nada foi planejado, nada está sendo planejado. Para daqui a vinte anos já tinham que ter planejamento há quinze, vinte anos atrás, para estarem executando agora, não é? [...] Tu não tens nada. As ruas apertadinhas, cada dia mais veículo”. O lugar onde vive também é projetado para o futuro: “eles estão estragando até a zona sul aqui. A zona leste [do Guaíba], lá, estragaram”. Tal afirmação permite-nos, ainda, vermos como a cidade de Porto Alegre fragmentada em zonas e região central compõe o imaginário de seus habitantes.

Em mais um momento da entrevista Porto Alegre nos chega a partir das fotografias. LS recorda um momento em que estava olhando fotografias com a filha mais velha e esta lhe diz “parece que eu conheço esse lugar”. O entrevistado então nos informa que a fotografia retratava um lugar que fica próximo ao lugar onde ela reside, o ‘Leopoldina’.

São diversos os modos de estar na cidade e de percebê-la. Isso certamente encontra-se relacionado às produções de sentido feitas por cada cidadão. É o caso, por exemplo, que LS faz para falar sobre raça negra partir da relação entre Porto Alegre e o esporte revendo os álbuns de família. Ao falar que é colorado (torcedor do Sport Clube Internacional) por ser negro, estabelece como oposição ser gremista (Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense) e branco. O motivo, como lembra o entrevistado, é que nos anos 1950 o Grêmio não permitia atletas e sócios negros, e pertencer a uma ou a outra equipe de futebol é parte do imaginário da capital gaúcha.

A questão racial comparece em outros momentos da entrevista, em referência a familiares ou a pessoas do círculo de convívio. Também na ressalva: “é que o negócio ficou meio... meio engraçado, não é? Hoje com o termo, se tu chama o cara de polonês, ele se ofende... se chama o outro de moreno, ele ‘moreno por quê? Eu não tenho nome?’, aí se tu chama o outro de... então fica todo mundo malicioso”.

O enunciado de LS pode parecer uma simples questão de ordem semântica, no entanto envolve muitas polêmicas, e uma complexidade que ele expressa numa linguagem simples, do dia a dia: “fica todo mundo malicioso”, isto é, as ofensas podem acontecer de variadas formas, mesmo se chamar alguém de “polonês” ou, em contraste, de “moreno”. Em ambos os casos, pode-se estar ofendendo alguém sem querer. Assim, ele está abordando

de forma tangencial as questões étnico-raciais, e notemos, sem se referir diretamente a “negros”.

## 2.2 Narrativas de uma Porto Alegre desconhecida no Século XXI

No quadrante oposto, a zona norte, HS, 78 anos, e MS, 60, mãe e filha, respectivamente, aposentadas, negras, dividem a casa com a terceira geração da família. Da mesma forma, dividem as fotografias, acondicionadas em uma caixa de sapatos, e as histórias familiares que ali se encontram registradas. O ato de remexer a caixa e narrar uma a uma as fotografias ali dispostas, traz uma Porto Alegre que pouco se expande para além da zona norte. A igreja, a escola dos filhos e sobrinhos, o bate-papo na rua ocorrem no entorno da casa. Já o consumo e a diversão exigem deslocamento para outros lugares.



Figura 3 - Imagens Grupo 2: Ariel Fagundes, Jessica Mello e Luciana Bênia

MS nasceu na zona norte, na “[rua] Freire Alemão”, onde morou até a mudança para a atual residência, próxima da anterior, “aqui na [rua] Pedro Ivo”, há cerca de 30 anos. Mãe e filha trabalharam por muitos anos, até a aposentadoria, no Colégio Rosário, tradicional instituição de ensino marista, localizada na região central. Do colégio não há fotos, apenas histórias que surgem em meio a outras.

O entorno, em grande medida, constitui a Porto Alegre representada nas fotos familiares de HS e MS. Distintos momentos da filha e sobrinho, referência constante nas fotografias e na narrativa, já que o irmão de MS mora no mesmo terreno, na escola – a semana farroupilha, a formatura, o futebol – aparecem nas fotografias. Assim como o Rosário, onde HS e MS trabalharam, as escolas elegidas pela família eram próximas: “Eles estudam ali no Visconde [Escola Estadual Visconde de Pelotas, bairro Mont

Serrat]”; “Depois eles foram aqui para o Pira, Piratini [Colégio Estadual Piratini, bairro Mont Serrat]”.

Segundo a história dos bairros de Porto Alegre disponibilizada pela Prefeitura local<sup>11</sup>, o Bairro Mont Serrat já foi povoado por escravos recém-libertos, e era parte da chamada colônia africana da capital. Contudo, pouco a pouco as populações de baixa renda foram afastadas para bairros distantes, em função da valorização dos terrenos, que eram mais próximos da região central. Hoje, é um bairro moderno, com um crescente comércio imobiliário.

A fotografia do esposo de HS com um cavalo no Hipódromo do Cristal, zona sul da capital, permite falar de um tempo anterior. “quando nós viemos morar aqui, isso não era assim do jeito como vocês estão vendo aqui. Esse bairro não era assim”, diz MS. Isto porque o Hipódromo ficava na zona norte, onde hoje é o Parcão, cartão-postal de Porto Alegre. “Ali não era o Parcão. Era um prado velho. Antigo prado. Que agora o prado verdadeiro está lá no Cristal”, explica MS. Outra fotografia do pai de MS, em um campo de futebol, leva-as a marcar a não existência mais do lugar, “que tinha, agora não tem mais”, reforça HS.

Outra mudança refere-se à mobilidade: “O ônibus passava na frente da nossa casa, agora não passa mais”. A esta se agregam outras mudanças: o fluxo grande e incômodo de automóveis, a poluição e a violência. “Tu vê, antigamente, nós saíamos, nós íamos a pé [...], não tinha muito problema. Agora tem”; “Tu vê, aqui já está se tornando perigoso. Essa era uma zona que tu podias sair. Tu saías. Tu voltavas de madrugada. Tu ias a pé. [...] Agora se tu não tens o dinheiro para o táxi, tu não sai. Tu não pode sair”. Também a expansão comercial na zona norte é tratada por MS: “Não tinha o [supermercado] Nacional também, agora nós temos o Nacional.”

O deslocar-se para outras regiões da cidade está associado à diversão e as compras: o bairro Menino Deus, zona oeste, e o centro, respectivamente. Apesar de residirem nas proximidades do Shopping Iguatemi, é o Shopping Praia de Belas o destino da família S. “É que ali tem mais coisa, no ‘Praia de Belas’, isso aqui não tem muita coisa, é mais loja e loja”, justifica MS. É a foto dos familiares, com os filhos ainda criança, brincando em um parque, que revela essa escolha. O ‘Praia de Belas’ compõe outros registros da família recolhidos à caixa de sapatos. Ainda no Menino Deus, está o estádio do Internacional, porque como LS, a família moradora da zona norte também é colorada. “Nós somos coloradas. Todos colorados aqui. Só um irmão meu que é gremista”, diz MS. É importante considerar que não é uma fotografia que traz o assunto futebol para a entrevista, mas o jogo na televisão que vez ou outra dispersa a todos, entrevistadas e entrevistadores. Em um momento posterior, questionada sobre

<sup>11</sup> História dos Bairros de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2009.

que cor atribuiria à cidade, MS responde: “acho que vou ficar com o meu vermelho”, cor do time de futebol.

Próximos dali, mais dois lugares revelam-se como compondo um outro quadrante de Porto Alegre, para além da zona norte, a Usina do Gasômetro e as escolas de samba. “Vamos mais para aproveitar o ambiente e depois vamos ao shopping”, diz MS referindo ao Gasômetro. As escolas de samba, especialmente a Imperadores do Samba, ligada ao time de futebol, é outra referência na zona oeste da cidade.

O carnaval, aliás, é um elemento de ligação da família S. à cidade de Porto Alegre e, ao mesmo tempo, compõe o imaginário da cidade em tempos distintos. HS recorda-se do carnaval “na [avenida] Borges [de Medeiros, região central]”, enquanto para MS a festividade permite ligar o passado – “a gente ia a muito baile, a gente ia em muito ensaio de carnaval, a gente ia muito” – ao presente – “olha eu curto muito assim, o Carnaval, mas vou muito pouco”.

A outra referência à cidade vincula-se ao comércio da região central de Porto Alegre. “Aquilo ali é o meu chá. Para comprar as bolsas tudo, tudo ali”, diz MS em referência à Rua Voluntários da Pátria. HS complementa: “aquilo ali é uma maravilha, tem tudo”.

Em relação a outros espaços, as referências são rápidas: Azenha, como o caminho para os cemitérios de Porto Alegre; Avenida Ipiranga, como “aquele valo” [referência ao Arroio Dilúvio]; Jardim Botânico e a zona sul, como lugares que desconhecem, apesar de o Hipódromo do Cristal aparecer nos relatos de certas fotografias; as vilas Pinto<sup>12</sup>, Restinga<sup>13</sup> e Cruzeiro<sup>14</sup>, como lugares violentos. Há, porém, um lugar intermediário, fisicamente localizado entre o centro e o eixo Gasômetro - Shopping Praia de Belas – estádio Beira-Rio - escolas de samba, na zona oeste, que aparece nos relatos de MS e HS, o parque da Redenção. A passagem de tempo aparece nas narrativas sobre este espaço: “Acho aquilo lá uma maravilha”; “A gente almoçava no domingo ou no sábado”; “agora a Redenção já não está como antigamente. Antigamente tu podias deixar livres os teus filhos, agora já está meio...”.

### 2.3 A cidade como escolha familiar e lugar de trabalho

MN, que aparenta pouco mais de 50 anos, mora na Lomba do Pinheiro, há 23 anos. Todas as fotos que apresenta a entrevistadora são de momentos vividos na casa onde reside. Foi para o bairro na década de 80, quando chegou de São Paulo, aos 23 anos, casou-se lá e depois de 10 anos voltou para Porto Alegre.

As histórias de MN são reveladas pouco a pouco, através de suas fotos. Organizadas em um álbum, os momentos em família são apresentados em meio às lembranças. Inicia sua narrativa

<sup>12</sup> No bairro Jardim do Salso, a Vila Pinto integra um conglomerado de vilas pobres que formam a região chamada de Grande Mato Sampaio.

<sup>13</sup> Zona sul.

<sup>14</sup> Localizada na zona sul de Porto Alegre, no bairro Cristal, a Vila Cruzeiro acompanha o traçado do arroio que corta o bairro e se aproxima do Medianeira.

apresentando as fotos de seu filho (único), com sua nora e neto. Também do filho com a tia, com o neto e o sobrinho. Conta que, após perder o marido, construiu uma casa para o filho viver com a nora e o neto, no mesmo terreno. Uma convivência que se percebe nas inúmeras imagens apresentadas.



Figura 4 - Imagens Grupo 2: Ariel Fagundes, Jessica Mello e Luciana Bênia

Contudo, a imagem da cidade e as mudanças ocorridas no decorrer dos anos, não fogem das recordações de MN. Conta que quando chegou de São Paulo seu bairro tinha outra cara: “Era tudo mato, um pouco era estrada de chão, outro pouco asfaltado, as ruas eram nada asfaltadas”. Em contraponto à realidade atual: “Na parada 16 é um centro comercial, tem de tudo, tem banco, supermercado, churrascaria, igreja, escola”. “É um centro, não de Porto Alegre, mas o centro da Lomba do Pinheiro. A gente está aproveitando bastante”.

A narrativa de MN faz parte da história de Porto Alegre. O bairro Lomba do Pinheiro iniciou seu processo de urbanização nas décadas de 1960 e 1970, quando passou a receber moradores oriundos do interior do Estado. Formado por mais de 30 vilas, a região faz limite com Viamão e se divide entre zonas povoadas e áreas verdes de preservação. Tem como características a organização comunitária, a diversidade cultural e as associações que buscam melhores condições de vida no bairro.

Segundo MN, a trajetória de seu bairro pôde ser observada durante os anos, principalmente por ela, que acompanhou de perto as mudanças políticas ocorridas na cidade. Conta que, com a entrada do Partido dos Trabalhadores (PT), a cidade mudou muito. “A cidade ficou mais limpa, mais bonita, com os terminais de ônibus”. Confessa que é simpatizante do partido, mas argumenta sua posição nas transformações ocorridas na cidade.

No desenrolar da narrativa, outros momentos são apresentados, em Porto Alegre e outras regiões. Fotos de casamento de amigos, de batizado de um afilhado (no bairro Sarandí), da sogra e do sogro (no Rio de Janeiro). Também fotos com a irmã, que apresentam uma aparência “bem antiga”, segundo ela. Conta que a irmã também mora na Lomba do Pinheiro, assim como

os demais integrantes da família. “Tudo pertinho, mas cada um na sua casa”, diz. Fotos da sobrinha (que trabalha como modelo em Santa Catarina). Fotos do marido. Fotos do neto que, hoje, está com 16 anos. Fotos do filho (que nasceu no Rio de Janeiro). MN diz que viveu durante sete anos nesta cidade, antes de voltar para Porto Alegre. Em seguida mostra uma foto, quando tinha 16 anos, na rua 24 de outubro, em um casa antiga onde trabalhava para uma família. Explica que foi com esta família para São Paulo trabalhar. Fala também da mudança desta rua, que “não tinha nada, agora está linda” e de sua aparência na foto “bem novinha, enfeitada e faceira”. Mostra ainda fotos do marido “bem bonito”, segundo ela, do neto quando era pequeno, em seu colo, na escola, na Lomba do Pinheiro, e mais jovem, na Polícia Militar (PM). “Ele se criou na PM”, diz. E fotos do filho, em viagem a Brasília. Nas últimas, apresenta fotos do pai, na fazenda onde nasceu, em Rio Pardo. Conta que o pai trabalhava na fazenda e a família morava próximo do local. Diz que não visita a cidade há muitos anos, pois toda família está em Porto Alegre. “Lá não tem mais ninguém”.

MN apresenta uma trajetória familiar que constrói a história de inúmeras capitais, como Porto Alegre. A urbanização da cidade por famílias oriundas de municípios do interior do Estado, principalmente, em busca de trabalho. No seu caso, sua relação com a cidade se dá pelo trabalho. Suas idas e vindas, do interior para Porto Alegre, de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, para São Paulo, e de volta para Porto Alegre.

Deste modo, seu relato lembra a afirmação de Armando Silva:

Por isso estabelecemos a diferença entre narrar e relatar a foto no álbum; relatar é a maneira de atualizar o seu sentido. Por esse prisma, temos de questionar a foto como reprodução de uma realidade e “duplicadora” do mundo” e, em vez disso, pensar que ela, misteriosa, sem dúvida, não mostra um objeto, uma pessoa, mas sua marca, seu índice [...] (SILVA, 2008, p.30).

A fixação em um local, no bairro Lomba do Pinheiro, e a construção de sua base familiar na região, coloca a família como parte da história da cidade, de um espaço em crescente desenvolvimento. Um aspecto importante para MN, que cria imaginariamente um centro, não da cidade, mas de seu bairro, um lugar onde ela possa transitar. Um espaço observado e construído junto com seu trabalho, sua história.

Em Machado (1984) encontramos aspectos importantes de serem sublinhados nos casos relatados aqui. O autor reflete sobre a função das fotografias no contexto familiar e nos oferece elementos para comentar as narrativas desencadeadas pelas imagens. Um dos elementos a destacar é que aquilo que os álbuns registram, não são propriamente os indivíduos enquanto tais, mas os papéis sociais que cada um desempenha. Outro elemento

destacado é que há uma função intrínseca ao objeto armazenado (nesse caso, a foto), atribuída pelo grupo familiar, qual seja, a de solenizar e eternizar os grandes momentos da vida familiar e de reforçar a integração do grupo, reafirmando o sentimento que ele tem de si mesmo e de sua unidade.

Nos dois quadrantes, Sul e Norte, há um aspecto que se cruza, que é o de registro dos filhos em espaços sociais, o esporte e a escola, em cerimônias e ocasiões especiais, ressaltando uma participação ativas deles nesses eventos – as fotos os tornam visíveis, lá estiveram. No caso do esporte, o registro da família, da presença dos filhos em uma competição. No caso da escola, a mãe que trabalhara toda a vida em uma escola, faz perceber seus filhos também participantes de uma comunidade escolar, onde destaca a presença da diretora na foto, ao narrar a imagem que tem nas mãos.

### **3 A Porto Alegre que emerge dos álbuns**

Nessa análise que apenas começamos a empreender aqui, em vários momentos precisamos ir passando de um aspecto a outro no relato dos álbuns, que extrapolavam as fotos, e através das narrativas dos entrevistados, iam configurando uma cidade imaginada em seus momentos de glória. Assim, nos sentimos como Armando Silva, tendo que saltar de um tema a outro:

O álbum tem seus caprichos na hora de mostrar ou esquecer, mas há algo inevitável: ele possui uma ordem, em que uma foto se enquadra à outra, e, portanto, *sua visão produz a figura do “salto”* – palavra que me parece definir bem esse fenômeno -, tendo em vista que devemos “saltar” de uma foto para outra, para recompor um propósito global (SILVA, 2008, p.32 [grifos no original]).

Como o desafio proposto buscava contemplar indivíduos pertencentes a famílias negras, incluindo diferentes gerações para tentar perceber as diferenças nos modos de narrar os álbuns, as fotos e a cidade, o resultado é que conseguimos retratar uma mudança e um fluxo da cidade ao longo das últimas décadas, numa riqueza de detalhes e percepções que incluem: o desenvolvimento desordenado da cidade devido à especulação imobiliária, mas também a nostalgia de um contato maior com a natureza (que acontecia idealmente no passado) que ela proporcionava. Inclui variados mapas de consumo, que foram também se modificando ao longo do tempo - da ida ao centro ao equipamento do bairro próximo que dispensa essa ida, os trajetos de ônibus urbanos proporcionando uma visão de um deslocamento na cidade que aproxima das mudanças e das modernidades, amplia a cidade imaginada e acessada.

A “cidade mudou”, afirmam recorrentemente nossos entrevistados. Mas essa mudança não é vivida apenas como negativa. Ainda que o desejo de um maior convívio familiar e comuni-

tário esteja presente quando afirmam que havia um tempo que era possível circular livremente pelas ruas e ficar até mais tarde fora de casa, a “modernidade” do acesso a uma cidade maior, verdadeira metrópole que não é possível conhecer na totalidade, é vivida com orgulho.

As representações do passado, evocadas pelo contato com as fotos dos álbuns, mostrou-se um exercício de memória que constrói a idealização do passado. Também se fez presente ao revelar o antigo bairro Mont Serrat como “bairro de negros”, ou o atual “Parcão” como um Hipódromo. Lugares hoje vividos como de classe alta, já tiveram outra história. Revela-se outra Porto Alegre. Novamente encontramos pontos comuns com a perspectiva de Silva:

Quando a família abre o álbum para contá-lo, reinstala ali mesmo seu imaginário de eternidade, evocando o tempo passado em um presente contínuo. Como se estivesse ocorrendo agora, sem intervalo entre o antes e o presente. Quando o fecha, retorna à máxima irrevogável e à única verdade possível: todo o tempo passado está perdido para sempre (SILVA, 2008, p.39).

A questão racial apareceu também relacionada aos times de futebol, ao “nós”, de nosso bairro e nossa família, e os “outros”, de outras famílias e localidades. Mas ela também estava presente nas narrativas que evidenciavam o crescimento e a ascensão da família, através do trabalho, e/ou do estabelecimento em um lugar da cidade através da compra de uma casa. A narrativa de sucesso familiar, de ter conseguido ascender socialmente e ter acesso a uma propriedade e ao consumo, prática que desenha vários trajetos pela cidade modernizada (antigamente o centro, hoje o bairro, ou o deslocamento a shoppings como o Iguatemi, o Praia de Belas), revela um cidadão que se quer valorizado. Um lugar na cidade, conferindo uma identidade, ou lugares na cidade, aos quais se tem acesso, permitindo visibilidade, são as construções imaginárias que pudemos perceber nesse estudo.

## **The register of invisible colors: Porto Alegre imagined in family albums**

### **ABSTRACT**

This article presents the results of the research Project “*Porto Alegre Imaginada*” [Imagined Porto Alegre], highlighting the analysis made by the “Family Albums” group, which sought to learn, beyond official registration about people from Azores, about the contributions of another ethnical-racial group to the city’s richness and diversity. Interviewing and taking pictures of people who define themselves as “black”, listening to their accounts and stories while going through their photo albums, we tried to give visibility in this research to the trajectories of these citizens and of a city that usually remains unknown, both in official history and in the media. In this article, we want to contribute to the reflection on other city’s imaginaries, and think about what personal registrations and their narratives tell us about the place and the shared possibilities and meanings.

**KEYWORDS:** Family album. Photography. Imaginary. Black. Porto

Alegre (RS).

## El registro de los colores invisibles: Porto Alegre imaginada en álbumes de familia

### RESUMEN

Este artículo presenta algunos resultados de la investigación "Porto Alegre Imaginada", con destaque para los análisis del grupo "Álbumes de Familia", que buscó conocer, además de los registros oficiales sobre los azorianos, las contribuciones de otro grupo étnico-racial para la riqueza y diversidad de la ciudad. Entrevistando y fotografiando personas que se auto-definen como negras, oyendo sus narraciones e historias al hojear sus álbumes de fotografías, buscamos en la investigación dar visibilidad a una trayectoria de ciudadanos y a una ciudad que, en la mayoría de las veces, permanece desconocida, tanto de la historia oficial como de la visibilidad mediática. En este artículo, queremos contribuir para la reflexión respecto a otros imaginarios sobre la ciudad, y pensar lo que los registros personales y su narración nos dicen sobre el lugar, las posibilidades y los significados compartidos.

**PALABRAS CLAVE:** Álbum de familia. Fotografía. Imaginario. Negro. Porto Alegre (RS).

### Referências

ANJOS, José C. G. dos. **Se raças não existem, é inegável que insistem**. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://afrobrasileira.multiply.com/journal/item/33>>. Acesso em: 26 jul 2008.

BARCELLOS, Daisy. **Família e ascensão social de negros em Porto Alegre**. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social) -- Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

BARTHES, Roland. **A Câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 1980.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Ilha de Santa Catarina, SC: Letras Contemporâneas, 1996.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. (Texto e Arte, v. 9).

MACHADO, Arlindo. **A Ilusão especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SILVA, Armando. **Álbum de família: a imagem de nós mesmos**. São Paulo: Senac, 2008.

\_\_\_\_\_. **Imaginários urbanos: hacia el desarrollo de un urbanismo desde los ciudadanos**. Metologías. Bogotá: Conv. Andrés Bello/UNC, 2004.

### Nara Magalhães

*Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).*

*Vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atua na Pró-Reitoria de Graduação.*

*Coordenadora do Subgrupo Álbuns de Família da Pesquisa "Porto Alegre Imaginada" (UFRGS).*

*Desenvolve pesquisas sobre os temas televisão e cultura, e interfaces entre "mídia e desigualdades", "mídia e migrações", "mídia e questões étnico-raciais".*

*E-mail: magalhes.nara@gmail.com*

**Márcia Anselmo**

*Mestre em Comunicação e Informação pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(UFRGS).*

*Jornalista.*

*Especialista em Terceiro Setor.*

*E-mail: marciaanselmo@terra.com.br*

**Lourdes Ana Pereira Silva**

*Doutoranda em Comunicação e Informação  
pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(UFRGS).*

*Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e  
ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do  
Maranhão (FAPEMA).*

*E-mail: lourdsilva@gmail.com*

**Ângela Zamin**

*Doutoranda em Ciências da Comunicação pela  
Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)*

*Bolsista CNPq.*

*Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos em  
Jornalismo (CNPq/UNISINOS).*

*E-mail: angelazamin@gmail.com*

**Reges Schwaab**

*Doutorando em Comunicação e Informação  
pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(UFRGS).*

*Bolsista CAPES.*

*E-mail: reges.ts@gmail.com*